

TÍTULO

Colecionadores e antiquários: o consumo de objetos antigos na cidade de Pelotas

Taciana Rocha Casanova Kurz, discente de Mestrado em Memória Social
Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.

Diego Lemos Ribeiro, docente, Universidade Federal de Pelotas.

tacimusealizando@gmail.com

tacianakurz@gmail.com

A cidade de Pelotas é reconhecida através de seu significativo patrimônio histórico e arquitetônico, oriundo de um período de grande desenvolvimento econômico: o ciclo do charque. A valorização deste patrimônio é percebida nos antigos casarões e prédios públicos, onde é possível ter uma noção da riqueza e cultura da cidade durante o século XIX e início do século XX. Também é possível perceber uma grande quantidade de antiquários, biques e sebos e brechós, ou seja, o consumo de antiguidades é nítido nesta cidade, por este motivo, surge a curiosidade de saber o porquê da existência e do crescimento deste comércio, e entender melhor o mundo dos colecionadores, pois se há o comércio de antiguidades é porque deve haver muitos compradores, sendo muitos deles colecionadores. Como colecionadora, sempre admirei o mundo do colecionismo, minha monografia na graduação no curso de museologia, realizado UFPEl no ano de 2010, foi sobre este assunto, intitulada de “Coleções, Memória e Poder: análise de dois museus pelotenses (Museu da Baronesa e Museu Farmacêutico Moura)”, foi tratado a origem do colecionismo, e sua importância no surgimento dos museus. Porém como este é um tema muito amplo houve a pretensão de aprofundar mais o estudo, e por isso foi escolhido para trabalhá-lo recentemente. Este trabalho é um desdobramento do primeiro capítulo da dissertação em desenvolvimento será sobre o colecionismo. O termo brique, não está no dicionário formal, significa comércio de móveis e objetos usados, é encontrado neste trabalho escrito “brique”, “bric”, “brik” e “Brick”, conforme os proprietários utilizaram em seus estabelecimentos. Porque colecionar? O que é uma coleção? Respondendo, (ou tentando), talvez haja tantas coleções espalhadas pelo mundo porque, sendo a memória falha, se homem dependesse apenas dela para imortalizar seus feitos e suas histórias, provavelmente quase tudo seria apenas lembranças. Então se vê obrigado a acumular objetos, pois as dissipações desses referenciais seriam prejudiciais para uma meditação sobre sua própria vida. Respondendo a segunda questão, uma coleção é segundo POMIAN, 1997 qualquer conjunto de objetos mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas sujeitas a uma proteção especial num local fechado preparado para este fim e exposta ao olhar. As coleções estabelecem relações entre dois mundos: o visível e o invisível, ou seja, entre o passado e presente, memória e esquecimento. Os objetos, mesmo nos remetendo ao passado apresentam novas verdades, pois passado e presente não são independentes e sim estão em uma trajetória contínua em que a cada passo adquirimos conhecimentos capazes de olhar o passado com

outros olhos, outros sentimentos, outras lembranças. A preservação dos objetos pode ser justificada pela perda da memória, pela ameaça do esquecimento. Nessa perspectiva está envolvida uma força chamada poder e ele é o promotor de memória e esquecimento, pois, a memória sempre é seletiva. O presente trabalho consiste da utilização de fontes primárias: (entrevistas orais com os donos de antiquários e com colecionadores) e secundárias: os teóricos principais que usarei serão Plilipp Blom e Krzyztof, Pomian. Primeiramente foi realizada uma leitura de diversas fontes, sobre assuntos relacionados ao colecionismo e ao uso de fonte oral. Após as leituras foram realizadas as entrevistas que foram gravadas em aparelhos adequados e depois transcritas, após a transcrição foi feito a análise das entrevistas e sua relação com as fontes. Os resultados foram baseados no levantamento do comércio de antiguidades na cidade, (atualmente é encontrado na cidade de Pelotas, 34 comerciantes de antiguidades, sendo 6 sebos, 17 brique e 11 antiquários), e também nas entrevistas realizadas com o proprietário do Antiquário Lalique e também colecionador: Ricardo Osório Magalhães, o proprietário do Brick Quebra Galho Eduardo Fagundes, e do colecionador José Gilberto Peres de Moura. Foi constatado que realmente a cidade de Pelotas vive um período de grande valorização dos objetos antigos, motivo este que levou muitos brique a se tornarem antiquários, mesmo mantendo o nome original, como foi possível perceber no caso do brique “quebra galho”, vários motivos teriam levado a este grande impulso no comercio de antiguidades, é possível que seja devido a despeitas dos novos proprietários – herdeiros dos casarões, com os objetos antigos, ou seja eles não são valorizados no sentido do afeto, pois não há o gosto decorativo para tais objetos, e até mesmo (pouco provável, mas alguns casos) de falência de algumas famílias ricas que se viram obrigadas a se desfazer de seus objetos e móveis. Seja qual for o motivo o fato é que os negociadores de antiguidades das cidades se veem abarrotados de “velharias” para alguns, mas verdadeiras preciosidades para os donos de antiquários e principalmente para muitos colecionadores que não precisam ir muito longe para achar mais um item para sua coleção.

Referências

BLOM, Philipp. Ter e Manter. Uma história íntima de colecionadores e coleções. Editora Record. Rio de Janeiro. 2003.
POMIAN, Krzyzstof. Coleção. In enciclopédia Einaud. Vol. 1- Memória História, 1997, imprensa nacional – casa da moeda.

Agradecimentos: agradecemos as instituições que fomentaram o trabalho: CAPES, CNPq, FAPERGS, MEC ou MS-residências, UNIPAMPA, UFPel.

Palavras-chave: Colecionismo; Memória; Poder; Antiguidade